

De Marias, Amélias e Madalenas

MARINA SILVA

Eu acho que neste dia oito de março, nossa abordagem tem que ser em forma mais ou menos de uma poesia, porque a data é especial, o momento é especial. Acho, também, que neste dia, talvez, a gente busque falar mais com o coração, atacando um ponto que é fundamental no ser humano, a sensibilidade, a alma. Para mim tudo tem que ter alma. Então, vou tentar escrever para a alma das pessoas.

Dirijo-me hoje a todos os homens, muitos dos quais não entendem o significado e a importância da data que agora comemoramos. Oito de março é o Dia Internacional da Mulher, e foi assim declarado para que não esqueçamos o sacrifício das operárias americanas, que é a representação fiel das dificuldades que temos atravessado ao longo dos séculos, sob o estigma de uma suposta inferioridade.

Neste dia, em solenidades especiais, falam sobre nós mulheres. Nossas dificuldades, nossas conquistas, a importância que temos para o mundo. Falam os homens mais importantes, com reverência e respeito. Falamos também nós, com sincera indignação.

Aparentemente, este é o dia em que nós podemos falar. Mas não é bem assim. Na verdade, nós falamos todos os dias. Somos até mesmo acusadas de falar demais. Mas, infelizmente, não somos escutadas. Que este dia fique sendo, portanto, um dia de recolhimento e receptividade. Um dia em que a porção masculina da humanidade escute a sua outra parte. E todos nos escutem.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os soldados saem para a guerra, deixando infelizes as suas próprias crianças e levando a infelicidade para outras crianças em terras distantes. O que nós dizemos é paz. Paz para que as flores e as crianças possam crescer no jardim, sem que a espada de um inimigo venha cortar-lhes a vida antes de florescer.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os que negociam tornam o dinheiro mais importante que a saúde e o bem-estar. O que nós dize-

mos é alegria. Alegria para que os nossos tesouros possam ser guardados não no cofre, mas no coração.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os que caem tremem de febre sob cobertores, vítimas de sua própria imprudência e rebeldia. O que nós dizemos é cuidado. Cuidado para que a vida não seja um jogo ganho ou perdido em um golpe, para que a decisão e a coragem não sejam apenas disfarces para a falta de juízo.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando avarentos recusam a moeda ao mendigo e o pão à criança nas ruas. Corações endurecidos, o que nós dizemos é bondade. Porque de bondade é feita a verdadeira justiça, e na ba-

lança dessa justiça, uma lágrima pesa mais que o pão e a moeda.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os dominadores fazem da política um clube para onde vão, usando máscara, deixando em casa a família e os segredos. O que nós dizemos é sinceridade. Porque política deve ser a continuação da casa, verdade compartilhada, comunidade de idéias que não precisam ser concordantes, basta que sejam honestas.

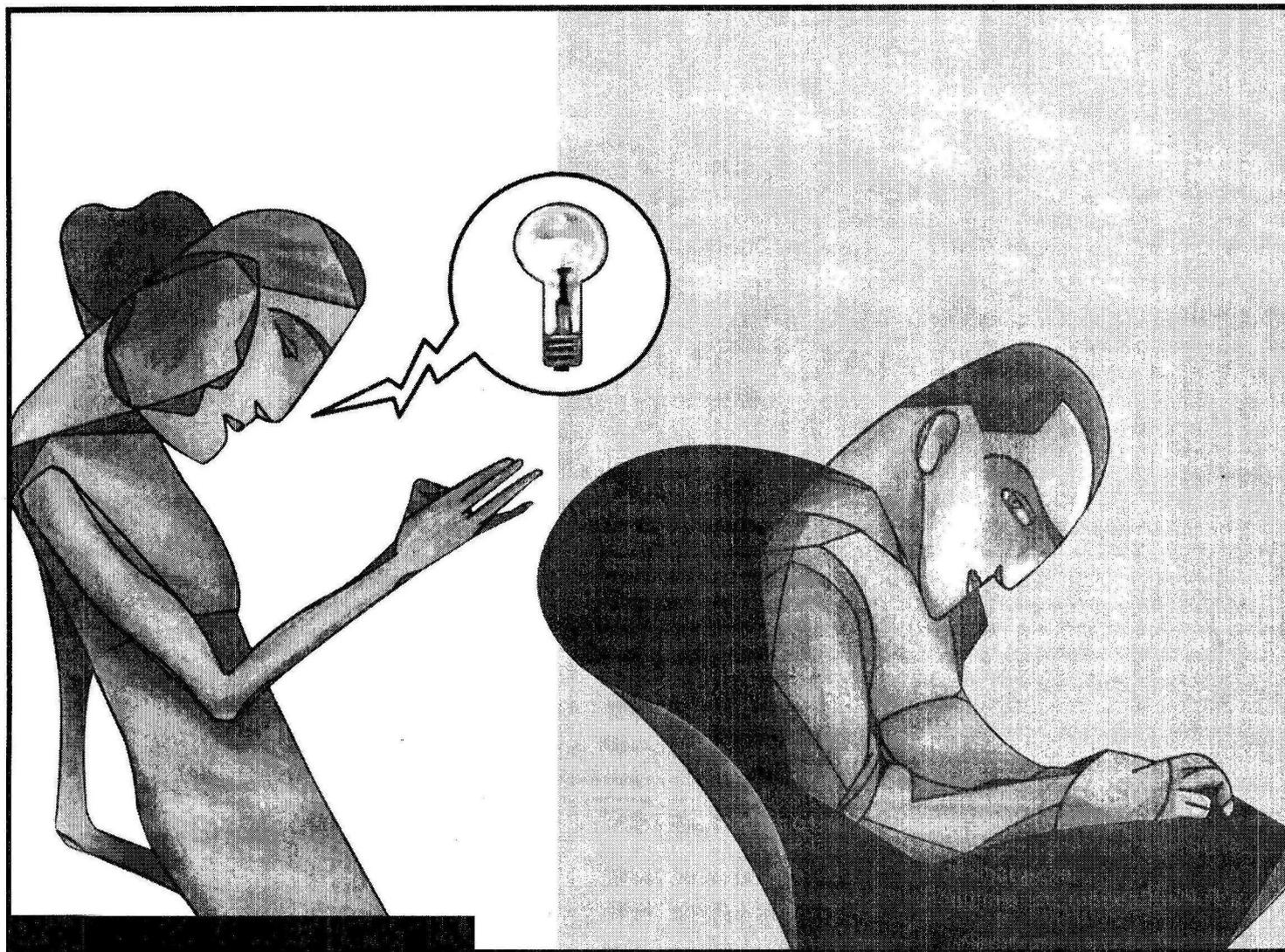
Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os que se julgam fortes carregam como troféu a idéia da superioridade: do homem sobre a mulher, do branco sobre o negro e o índio, do adulto sobre a criança. O que nós dize-

mos é igualdade. Porque não existe superioridade a ser exercida, mas diferença a ser respeitada. E porque o troféu da opressão é feito de barro e banhado no sangue dos inocentes.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os que se julgam sábios se orgulham de dominar a Terra com a ciência e a arte de queimar as árvores, matar os animais, sujar os rios, poluir o ar. O que nós dizemos é harmonia. Porque todo domínio gera revolta e todos os destruidores terminam por atingir a si próprios. E porque o verdadeiro progresso consiste em navegar a favor do vento, das águas e da vida e nunca contrários a natureza.

Escutem o que temos dito em todos os

Marcelo



séculos, quando fomos espancadas, humilhadas e ofendidas em nossas próprias casas, apedrejadas nas ruas, queimadas nas fogueiras, vendidas nos mercados, escravizadas nos campos, exploradas nas cidades. O que dizemos é respeito. Porque, tanto quanto os homens, nós construímos o mundo com nosso trabalho e o colocamos em movimento com nossas idéias. Temos os mesmos direitos sobre os frutos que foram regados com nosso suor e o nosso sangue.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os escolhidos sorriem de prazer, fartos, saciados, banhados e vestidos, acariciados e massageados, aquecidos e alimentados. O que dizemos é amor. Porque amor é o que podemos dar e queremos receber. Porque fora do amor não há salvação e se essa fonte um dia secar, morreremos todos de sede.

Escutem o que dizemos. Porque é verdade. Porque o rumo que a ação humana tomou sobre a Terra está errado e precisa ser corrigido. Porque a vida precisa ser inteiramente modificada. Porque o sentido de viver precisa ser encontrado. E porque qualquer mudança só acontece quando se ouve a voz que vem do coração. A nossa voz que, todo esse tempo, tem procurado fazer ouvir sua poesia.

Eu gostaria de ter a poesia de todos os poetas, mas como não tenho, fiz um modesto poema para traduzir, em versos, o amor que nós queremos. A primeira parte dele é um lamento, mas a segunda parte é uma afirmação do sentimento muito maior que a humanidade pode ter. Vamos tentar falar de Marias, de Amélias e de Madalenas:

No sofrimento somos Maria, / Mãe de um Deus assassinado. / Marias, sem alegria.

Dor sem futuro ou passado. / Na renúncia somos Amélia, de uma triste verdade. / Amélias sem sonho, desejo ou vontade.

No preconceito, Madalena, / nas praças apedrejada. / Madalenas: ao pecado/ e à culpa predestinadas.

Só no amor temos os nomes/ e as formas de nossa estima; / velha mãe, jovem formosa/ e, eternamente, menina.